



**FÓRUM
NACIONAL**

Sessão Especial
18 e 19 setembro 2013



A construção de um novo tecido social

**Eduarda La Rocque / Presidente do Instituto Pereira Passos
(IPP) da Prefeitura do Rio de Janeiro**

A construção de um novo tecido social

Desafios e conquistas da formatação da Rede Comunidade Integrada

Não foi por acaso que buscamos no simbolismo das colmeias das abelhas a forma gráfica para representar o projeto que começamos a desenhar desde que o Ministro João Paulo dos Reis Velloso, superintendente-geral do Instituto Nacional de Altos Estudos (**INAE**), e o seu Fórum Nacional abriram as portas para o debate que criou o Plano de Favelas para sua Inclusão Social e Econômica e nos deram a chance de nos reunir para apresentar à cidade uma nova forma de construção dela. A inspiração, que grosso modo parece bem trivial, de fato é a mais apropriada e definidora para o tipo de trabalho que temos desempenhado ao longo deste pouco mais de um ano em que estamos despendendo tempo e esforços para formatar nosso sonho de ver em prática uma Rede Comunidade Integrada.

Através dos tempos, pesquisadores de diversas áreas e matizes se debruçaram, e muitos outros ainda continuam se debruçando, sobre estudos para entender como o trabalho em sociedade das abelhas funciona e por que funciona? Comum a todos está a resposta de que a organização com que elas operam em prol de um objetivo comum é o que torna todo o sistema mais eficiente e vitorioso. À parte a estrutura definida por castas e uma hierarquização imperial - que os estudiosos nos apontam também como marcas fortes desta vida em sociedade dentro das colmeias - é o modo de “pensar coletivamente” o elemento que nos fornece as pistas mais indicativas de que caminho necessitamos seguir para aproveitar a janela de oportunidades que está aberta no Rio de Janeiro e que vem possibilitando a busca pela construção de uma política de desenvolvimento mais integradora e sustentável.

A formatação da Cúpula de Favelas nos propôs uma coalizão de agentes. Uma reunião de importantes atores do poder público (nas suas três esferas: Federal, Estadual e Municipal) com a iniciativa privada, organizações da sociedade civil e representações dos moradores de, primeiramente 5 e agora, 7 comunidades cariocas. Desta lista fazemos parte nós do Instituto Pereira Passos (**IPP**), criador e condutor do programa **UPP Social**, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (**BNDES**), o Programa de Aceleração do Crescimento (**PAC**), a Fundação Oswaldo Cruz (**Fiocruz**), a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro (**SEASDH**), o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (**Iterj**), a Federação das Favelas do Estado do Rio de Janeiro (**Faferj**), a Ação Comunitária do Brasil do Rio de Janeiro, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (**Firjan**) e lideranças do Cantagalo, do Pavão-Pavãozinho, da Rocinha, do Borel e do Complexo de Maguinhos. Entes diferentes, alguns com atribuições bem distintas, outros com raios de ações semelhantes, e todos em busca de um mesmo objetivo: a inclusão social e econômica de parte significativa da população da cidade do Rio.

E acho que todos concordam com a linha mestra de conduta traçada pela nossa Maestrina Marília Pastuk: “a construção de políticas públicas para as favelas não será eficiente se não envolver um forte diálogo com elas e, mais do que isso, sem reconhecer, valorizar e potencializar os ativos desses territórios”. Sempre defendemos que o nosso maior desafio estava em garantir a integração das ações e a representatividade que legitimassem qualquer projeto que fosse lançado. E é neste sentido que estamos caminhando. Todos juntos e cada vez mais integrados, tal como mostra os projetos que serão apresentados.

A construção de um novo tecido social

A informação como principal instrumento

O Instituto Pereira Passos, órgão a que presido com muito orgulho, é a autarquia da Prefeitura do Rio que tem a missão de gerir informação e conhecimento sobre a cidade para subsidiar o planejamento de políticas públicas e intervenções urbanas e coordenar projetos estratégicos que contribuam para o aumento da eficácia da gestão pública. Ele tem sob a sua responsabilidade o programa UPP Social, o que faz com que sejamos um dos maiores centros de referência de dados quantitativos e qualitativos sobre favelas. O IPP historicamente coletou e catalogou informações precisas sobre as comunidades. E a UPP Social, desde que foi implementada, fez crescer a abrangência dessas informações armazenadas.

O programa UPP Social foi estabelecido no âmbito da Prefeitura do Rio com o objetivo de articular os esforços dos vários órgãos municipais visando aumentar a eficiência da prestação de serviços públicos do município nas favelas pacificadas. O projeto está estruturado na gestão do conhecimento e da informação. O lema do IPP é “para mudar uma realidade é preciso conhecê-la em seus detalhes”, e a UPP Social é uma aplicação prática disso. Nossos gestores estão diariamente em contato com os moradores das áreas pacificadas e têm se empenhado na produção de diagnósticos precisos sobre cada uma delas. São levantamentos de necessidades locais específicas que depois são relacionadas a dados e georreferenciadas para que se tenha uma melhor compreensão de como funciona a vida dentro dos territórios. Além disso, os gestores fazem, paralelamente, um cadastramento avançado de todos os atores sociais presentes, em seus mais variados campos de atuação, em todas as favelas.

Parte desse serviço concentrado de conhecimento das comunidades foi visto nas duas edições anteriores do livro “Favela como Oportunidade”. Este valioso arcabouço continua sendo importante para esboçarmos as estratégias da Rede Comunidade Integrada. O foco da Cúpula de Favelas é estimular a geração de renda dos moradores das sete comunidades (Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Rocinha, Borel, e Complexo de Manguinhos, Alemão e Jacarezinho) através do empreendedorismo, da capacitação, de mecanismos participativos, com planejamento integrado e pensando na sustentabilidade financeira dos projetos comunitários. Preocupações que, alcançadas, garantirão às ações implementadas a legitimidade - porque propiciarão representatividade junto às comunidades, a otimização de recursos (financeiros e de pessoal), a potencialização das melhores práticas apresentadas e evitarão a sobreposição de atividades. Todos os levantamentos de dados disponibilizados até então já nos serviram para cumprir duas das quatro grandes etapas definidas como metas iniciais para a nossa Rede Comunidade Integrada. A primeira foi o levantamento geral de demandas locais e de ofertas de serviços, programas e projetos existentes. A segunda, a qualificação dessas demandas e o cruzamento delas com as ofertas.

A construção de um novo tecido social

Avançamos bastante ao longo do último ano (vide publicação do Fórum de setembro de 2012) no que eu havia proposto ser a quarta etapa do Plano de Desenvolvimento para a Inclusão Social e Econômica das Favelas: a busca de recursos financeiros. Estamos partindo agora para a terceira etapa: o planejamento integrado e o mapeamento das responsabilidades e atribuições de cada ente envolvido nos projetos. Para que em seguida nos concentremos no planejamento de curto e longo prazos visando à sustentabilidade das ações comunitárias que serão alavancadas. Só a partir desta definição poderemos seguir para a implantação dos planos de cada área, com o estabelecimento das diretrizes, metas, formas de monitoramento - que vão determinar o impacto e relevância deles para a população.

Não tem sido um esforço fácil. Mas sabíamos, desde o começo, dos desafios que se apresentariam em oposição a esta forma nova de construção de políticas públicas e soluções em conjunto. E à medida que os obstáculos vão se mostrando temos também arquitetado saídas para superá-los.

A Rede Comunidade Integrada em ação

Tratemos por colmeias os nossos territórios. É ali que entendemos que este novo tecido social deve e tem que começar a ser costurado. Desde que nos reunimos pela primeira vez na Cúpula de Favelas, entendemos que não é possível promover nenhuma das mudanças que são necessárias e oportunas neste processo de transformação positiva da cidade, sem referendar os anseios e debates que partem da base, de quem mora nas comunidades. Mas para isso sentíamos que precisávamos, antes de programar qualquer ação ou medida, buscar um amplo conhecimento de quais eram, e ainda são, as dinâmicas reais de cada um destes territórios. E este foi, e ainda tem sido, o maior dos nossos trabalhos no IPP.

Meu objetivo agora é convidar todos os parceiros para que possamos formalizar esta grande Rede Comunidade Integrada a partir do desenvolvimento de comitês gestores locais, para cada comunidade participante, e portais na internet, também individuais para cada comunidade. Isso facilitaria o estabelecimento de estratégias, e respeitaria da melhor maneira possível às diferenças das realidades entre os territórios e dentro de cada um deles.

A estrutura destes comitês gestores locais e dos portais deverá ser formada para atingir as seguintes finalidades: desenvolver uma rede com as organizações e iniciativas presentes nos territórios (informações, processos e resultados concentrados em um só ambiente); fortalecer a comunicação, produzindo a troca rápida de informações entre cada instituição e a visualização das iniciativas de cada uma delas - pelas demais e pela sociedade e facilitar o casamento de demanda e oferta qualificadas para promover o desenvolvimento das comunidades. Comitês gestores e portais locais seriam as ferramentas-chave para a promoção do empreendedorismo dos moradores das favelas e para a profissionalização das organizações presentes nelas. Bem capacitadas estas organizações estariam mais preparadas para se mobilizar, captar recursos, prestar contas e atrair mais e mais olhares para o trabalho que desenvolvem iniciando um círculo virtuoso de investimentos.

A construção de um novo tecido social

Antes de pensar em fazer parte deste Fórum Nacional, ainda com secretária da Fazenda do município, eu já havia pensado e proposto a criação de um fundo de desenvolvimento para as favelas. Ali, já deixava claro minha vontade de pautar o meu trabalho futuro pela via social. Isso se tornou presente. Na época, lá atrás, acreditava que, assim como eu e os amigos da Cúpula de Favelas, existem pessoas, entidades e recursos financeiros e humanos disponíveis para ser empregados no trabalho pela sustentação da política de segurança de pacificação que a cidade recebeu e pela melhoria das condições urbanas, sociais, ambientais e econômicas de nossas favelas. E hoje continuo acreditando. Mas para que isso aconteça é preciso instrumentar os moradores das comunidades para tornar o que eles produzem visível e, às vezes, mais adequado para quem quer e pode financiar seus planos de ação.

Minha intenção é que tenhamos colmeias coesas, mas nunca fechadas. Que aos atores que já fazem parte das redes em atividade se juntem outros e outros agentes. Que tenhamos uma estrutura capaz de incentivar um jogo de somas positivas. Que consigamos tecer uma nova ordem social em que as parcerias estabelecidas entre os entes públicos, privados e o terceiro setor (PPP3) desenhem para Rio de Janeiro uma trajetória sólida rumo à integração que se espera para a cidade neste Século XXI.

A Favela como oportunidade & oportunidades para as favelas

Em junho de 2013, o Instituto Pereira Passos (IPP), finalizou mais um grande e importante estudo chamado “Os Cadernos do Rio”, que faz uma leitura do Censo do IBGE de 2010 recortando as informações para as várias áreas e regiões do Rio. Foi como se nossos técnicos tivessem pegado lupas para analisar o comportamento de número por número para cada Área de Planejamento (AP), Região Administrativa (RA), bairro e comunidades. Um detalhamento de longo fôlego, foram quase três meses de análises, que permitiu fazer uma radiografia completa da cidade, com informações para cerca de 200 bairros. As análises de “Os Cadernos do Rio” nos permitiram enxergar o quanto a cidade avançou entre o início dos anos 2000 e 2010, mas principalmente tem servido para que possamos planejar nossas ações para que em 2020 os números da cidade sejam ainda melhores. Entre os pontos que mais chamaram a atenção estão uma oportunidade e um grande desafio.

A oportunidade é o chamado bônus demográfico. Em 2010 a Cidade do Rio de Janeiro antecipava o movimento de queda da fecundidade e de envelhecimento que ocorre em todo o país o que fazia com que o município vivesse seu melhor momento do bônus demográfico, com uma taxa de dependência de 42,6%. Trocando em miúdos, esse dado dá conta do tamanho da população com capacidade de produzir e trabalhar, comparado com o percentual do que tendem a ser dependentes. A conta é feita somando as pessoas com idades entre zero e 14 anos reunidas às com mais de 65 anos e divididas pelo número de pessoas com idades entre 15 e 64 anos. Em números, na capital fluminense, isso quer dizer que aproximadamente 70% da população formam o conjunto de pessoas aptas a exercer algum tipo de atividade econômica - coisa que com a gradativa redução da taxa de fecundidade e o envelhecimento dos nossos habitantes já não teremos mais no próximo levantamento a ser realizado em 2020.

A construção de um novo tecido social

Por outro lado, “Os Cadernos do Rio” também nos evidenciaram um imenso desafio: a juventude. O Censo de 2010 revelou que no município do Rio de Janeiro, 15,4% dos moradores têm idade entre 15 e 24 anos. Nas favelas da cidade esse índice é ainda maior: 19,1%. O problema é que entre esta parcela da população (de 15 a 24 anos), em 2010, 16,2% nem estavam estudando, nem trabalhando e nem procurando emprego. São os chamados **Nem Nem Nem**. Embora a taxa no Rio de Janeiro seja similar a média nacional (16,5%), o município é a capital do Sudeste com maior percentual de jovens que não estudam nem trabalham e não procuram emprego. Em 2000, eles somavam 12,4% - 3,8% menos.

Essas duas condições nos fizeram repensar que o "turning point" precisa ser feito agora. E que o desafio que nos surge é como aproveitar essa força jovem, que se concentra em boa parte nas favelas – como ressaltamos acima 19,1% da população com idade entre 15 e 24 anos - e esse bônus demográfico? Pensando nesta direção decidimos criar uma nova estrutura dentro do Instituto Pereira Passos (IPP) e dedicar duas de nossas diretorias, exclusivamente, para o trabalho com as favelas. A Diretoria de Projetos Especiais (DPE) mantém-se coordenando o programa da UPP Social com a parceria do ONU – Habitat. E a Diretoria de Desenvolvimento Econômico Estratégico (DDEE) passou a ter como principal função a inclusão produtiva das comunidades pobres da cidade.

A nova Diretoria de Desenvolvimento Econômico Estratégico (Incubadora de Projetos) atua nas comunidades pacificadas desenvolvendo metodologias inovadoras através da incubação de projetos utilizando os conceitos de desenvolvimento social, econômico e ambiental de forma conjunta, focado na inclusão produtiva local. A modalidade para o desenvolvimento destes projetos é participativa, levando em conta as demandas da população local e a sua inserção no ambiente econômico do restante da cidade.

O trabalho de inclusão produtiva que já tem sido desenvolvido segue o mesmo conceito que estamos aplicando na Rede Comunidade Integrada. A aposta é nas parcerias público-privadas e com o terceiro setor (PPP3) e também no esforço de chamar representantes da academia para avançarmos nesta agenda de sustentabilidade. A ideia é se aproximar e se utilizar do mercado de capital como instrumento, bem direcionado e incentivado, capaz de ajudar na promoção do desenvolvimento sustentável. Queremos aproveitar experiências como a adquirida com a criação da Bolsa Verde do Rio (BVRio), iniciada na minha gestão diante da Secretaria de Fazenda, que tem contribuído para o desenvolvimento da economia verde, e trabalhar para a criação de algo nos mesmos moldes para os negócios sociais. Criar mecanismos que façam o “mercado financeiro trabalhar por causas sócio-ambientais”.

Para a consolidação deste projeto, ambicioso, um embrião já começou a ser gestado pelas nossas duas diretorias, DPE e DDEE. O bairro do Caju, na Zona Portuária, foi o escolhido para uma primeira experiência. Lá estamos trabalhando junto ao setor privado na criação de oportunidades que gerem emprego e renda. O funcionamento segue a mesma metodologia da articulação, que guia a IUPP Social. Junto a empresas locais discutimos formas de inclusão produtiva da população, através de cursos de capacitação - com foco nas necessidades apontadas pelos moradores, ou estabelecendo, em conjunto, critérios para que as ofertas de emprego sejam direcionadas para quem vive na região.

A construção de um novo tecido social

"Outro projeto, com o foco parecido, o "Agentes da TransformAÇÃO" é uma parceria com uma operadora multinacional de telefonia celular que atua no Rio. A ideia foi recrutar 100 jovens de 10 comunidades diferentes para realizar uma pesquisa de campo domiciliar focada justamente na relação do jovem de baixa renda com o mercado de trabalho, a educação, a família e o lazer; uma espécie de censo da juventude de favela. A pesquisa surgiu da constatação de que não havia dados de qualidade a respeito dessa população específica. Poderíamos ter seguido a rota usual e contratado pesquisadores profissionais, mas resolvemos capacitar jovens matriculados na rede pública para atuar como coletores de dados em seus próprios territórios, apresentando a eles um novo mercado de trabalho e criando a oportunidade para que eles conheçam suas comunidades de maneira aprofundada. Em cada uma dessas comunidades a coordenação do campo cabe a um ex-agente da UPP Social que também reside no mesmo território. Deste modo potencializamos a rede de conhecimento local, oferecemos uma experiência de trabalho e pesquisa para 100 estudantes de baixa renda e geramos dados de qualidade que no futuro servirão de subsídio a políticas públicas. Um exemplo prático é o de cursos de capacitação profissional. Sabe-se que muitas vezes os cursos oferecidos em comunidades ficam vazios; com os dados gerados por essa pesquisa será possível oferecer cursos mais sintonizados com as demandas dos jovens. Com o "Agentes da Transformação" a estratégia é mais uma vez estabelecer o diálogo e partir para a construção de plataformas de capacitação que levem em consideração as expectativas e anseios de quem será beneficiado."

São ideias que, a exemplo deste Fórum Nacional (Favela como oportunidade – Plano para sua inclusão social e econômica), e a nossa Rede Comunidade Integrada, mostram a necessidade do envolvimento e esforço de diferentes agentes para o estabelecimento de mecanismos para o desenvolvimento de um futuro mais igual.